Pelo divã ético: uma reflexão sobre a formação do analista na atualidade

Tatiana Siqueira Ribeiro

Resumo

O presente artigo problematiza a formação do analista em um cenário marcado por iniciativas que buscam reconhecimento do Estado, junto ao Ministério da Educação, para cursos em psicanálise que garantem a certificação de "psicanalista". Interroga-se em que medida tais propostas, ainda que não tenham logrado a regulamentação de uma graduação, podem operar uma transformação da formação do analista em produto e sua prática em título, aproximando o discurso psicanalítico da lógica de mercado. Além disso, questiona-se se esse processo não se configura como uma forma contemporânea de esvaziamento ou mesmo de aversão à psicanálise, ao deslocar seu eixo da experiência ética que a sustenta, envolvendo a análise pessoal, a supervisão, a transmissão e o estudo permanente, para a promessa de habilitação e reconhecimento formal.

Palavras-chave:

Psicanálise; Formação do analista; Regulamentação; Análise leiga; Discurso capitalista.

From the psychoanalytic couch: reflections on the ethical formation of the analyst today

Abstract

This article problematizes the formation of the analyst in a context marked by initiatives seeking state recognition, through the Ministry of Education, for psychoanalysis courses that promise certification as a "psychoanalyst." It examines to what extent such proposals, although they have not achieved the formal regulation of an undergraduate degree, may operate a transformation of the analyst's formation into a product and of practice into a formal title, bringing psychoanalytic discourse closer to market logic. It further questions whether these initiatives may constitute a contemporary form of emptying out — or even aversion to — psychoanalysis,

insofar as they displace its axis from the ethical experience that sustains it — involving personal analysis, supervision, transmission, and ongoing study — toward the promise of formal qualification and official recognition.

Keywords:

Psychoanalysis; Analyst training; Regulation; Lay analysis; Capitalist discourse.

Desde el diván ético: una reflexión sobre la formación del analista en la actualidad

Resumen

El presente artículo problematiza la formación del analista en un escenario marcado por iniciativas que buscan el reconocimiento del Estado, a través del Ministerio de Educación, para cursos de psicoanálisis que prometen la certificación de "psicoanalista". Se examina en qué medida tales propuestas, aunque no hayan logrado la reglamentación de una carrera de grado, pueden operar una transformación de la formación del analista en producto y de la práctica en título formal, aproximando el discurso psicoanalítico a la lógica del mercado. Asimismo, se cuestiona si estas iniciativas no configuran una forma contemporánea de vaciamiento — o incluso de aversión — al psicoanálisis, al desplazar su eje de la experiencia ética que lo sostiene — que implica el análisis personal, la supervisión, la transmisión y el estudio permanente — hacia la promesa de habilitación y reconocimiento formal.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Formación del analista; Regulación;
Análisis laico; Discurso capitalista.

Par le divan éthique : une réflexion sur la formation de l'analyste à l'époque contemporaine

Résumé

Le présent article problématise la formation de l'analyste dans un contexte marqué par des initiatives cherchant la reconnaissance de l'État, auprès du Ministère de l'Éducation, pour des cours de psychanalyse qui promettent la certification de « psychanalyste ». Il examine dans quelle mesure de telles propositions, bien qu'elles n'aient pas abouti à la réglementation d'un diplôme universitaire, peuvent transfor-

mer la formation de l'analyste en produit et la pratique en titre formel, rapprochant ainsi le discours psychanalytique de la logique du marché. Il s'agit également de s'interroger sur le fait que ces initiatives pourraient constituer une forme contemporaine de videment — voire d'aversion — à l'égard de la psychanalyse, dans la mesure où elles déplacent son axe de l'expérience éthique qui la soutient — impliquant l'analyse personnelle, la supervision, la transmission et l'étude permanente — vers la promesse d'habilitation et de reconnaissance officielle.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Formation de l'analyste ; Réglementation ;
Analyse profane ; Discours capitaliste.

A psicanálise se faz presente na contemporaneidade nos mais diversos meios, por vezes em formatos que correspondem à demanda por informação e conteúdos rápidos, sem se configurar como uma formação ou garantia. Está em sua prática, mas também está na internet, nas redes sociais, em plataformas online de estudo, nos programas de pós-graduação de universidades e, mais recentemente, nos aplicativos ou dispositivos de inteligência artificial.

Mas, afinal, o que é a psicanálise? "É o tratamento que se espera de um psicanalista" (Lacan, 1955/1998, p. 331). Longe de ser apenas um jogo de palavras, a resposta a essa pergunta implica necessariamente questionarmo-nos sobre esse sujeito, conduzindo-nos à compreensão de sua centralidade para que a psicanálise exista, aconteça e permaneça. Além disso, tenta dar conta da especificidade desse campo, a partir do qual o sujeito tem a capacidade de operar em nome próprio de sustentar sua prática a partir de sua própria experiência. O psicanalista é, antes de tudo, efeito de sua própria análise pessoal.

Fingermann (2016) observa que Freud estabeleceu sua "regra de três", o que ficou conhecido como o "tripé da formação", constituído pela análise didática, estudo da teoria e supervisão. Esses três elementos constituem os preceitos teóricos e técnicos precisos para a formação dos analistas e, consequentemente, para a manutenção da psicanálise na civilização, de acordo com a ética a ela inerente. Lacan, por sua vez, inscreveu a escola de psicanálise como um espaço topológico onde esses três elementos se articulam de maneira que se reúna condições para que cada analista, em sua formação permanente, possa dar provas de sua relação singular com a psicanálise. Para além do tripé, propôs dispositivos específicos à sua Escola: o Cartel e o Passe. Em seu *Seminário 11*, Lacan afirma que só há uma psicanálise, a saber, a psicanálise didática, que tenha "fechado esse cerco até seu termo" (Lacan, 1964/2008, p. 265). Uma das especificidades da formação do ana-

lista, portanto, é que sua prática, seu estudo teórico e a submissão à supervisão clínica serão suficientes na medida em que não cessarem de se inscrever.

Em "A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial", Freud (1926/2014) escreve em defesa de Theodor Reik, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, acusado de charlatanismo por exercer a psicanálise sem diploma médico. Para Freud, essa controvérsia era inesperada já que a questão de quem estaria formalmente autorizado a exercer a psicanálise não se colocava como problema central. Ele observa que a hostilidade inicial à psicanálise, expressa na posição de que "ninguém deveria praticá-la", desloca-se posteriormente para a exigência de que "apenas os médicos devem fazê-lo", o que não elimina a aversão, mas a reorganiza sob nova forma.

> Sim, as pessoas preocupam-se muito pouco em relação a isso — concordam, isto sim, no desejo de que ninguém deveria praticá-la, justificando com razões diversas, todas baseadas na mesma aversão. Logo, a exigência de que apenas médicos devem ser analistas corresponde a uma atitude nova e aparentemente mais amigável diante da psicanálise — contanto que escape à suspeita de ser apenas uma ramificação um tanto modificada da atitude anterior. (Freud, 1926/2014, p. 125)

Dessa forma, Freud sustentou o discurso psicanalítico como um laço social único, destacando que a formação do analista é considerada leiga justamente porque não pertence ao campo médico, às psicoterapias tradicionais ou ao ambiente universitário. Diferente do psicoterapeuta, que busca responder à demanda de cura e assume o papel de detentor do saber ao oferecer conselhos e prescrições, o analista se abstém dessa posição de mestre. Em vez disso, suspende seu próprio saber, intenções e objetivos terapêuticos, criando espaço para que o analisante possa investigar livremente suas questões, seus desejos e suas relações com os outros (Alberti, Amendoeira, Lannes, Lopes, & Rocha, 2000; Freud, 1926/2014).

Criado em junho de 2000, o Movimento de Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras reúne dezenas de instituições de distintas filiações teóricas em torno da defesa da psicanálise frente a iniciativas de regulamentação. Sua constituição respondeu, naquele momento, a tentativas de criação de conselhos profissionais de psicanálise, frequentemente vinculadas a entidades religiosas, bem como à necessidade de reafirmação do "tripé" e do caráter leigo e laico da prática psicanalítica no Brasil (Alberti, Amendoeira, Lannes, Lopes, & Rocha, 2000).

Nos últimos anos, o debate sobre a formação do analista assumiu novos contornos, com a intensificação de propostas de cursos de graduação em psicanálise que pleiteavam reconhecimento junto ao Ministério da Educação, o que foi alcançado

em 2025. Ao converter o percurso em currículo e a experiência em certificação, esteve em risco a equivalência entre diploma e autorização para o exercício clínico, deslocando o eixo da formação contínua para uma lógica de habilitação formal. A Nota Técnica nº 6/2025, publicada pelo movimento citado e dirigida a parlamentares e à sociedade brasileira em oposição a essa regulamentação, alertava que, até o ano passado, já existiam 13 cursos de graduação em psicanálise autorizados em universidades privadas, que somavam 7.755 matrículas e uma oferta de 29.700 vagas. Destaca-se a predominância da modalidade de ensino a distância (EaD), que concentrava 12 dos 13 cursos existentes, enquanto apenas um curso era ofertado na modalidade presencial.

A mobilização de psicanalistas vinculados a diferentes Escolas e Sociedades foi decisiva para que o Ministério da Educação, por meio da Portaria nº 003/2026, que atendendo a referida Nota Técnica nº 6/2025, redefinisse a nomenclatura da graduação, anteriormente denominada "Psicanálise", e passasse a se chamar "Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais", vinculados às áreas de Ciências Sociais, Comunicação e Informação, não sendo reconhecidos como formação clínica ou pertencentes à área da saúde (Ministério da Educação, 2026). Dessa forma, tais cursos ficaram impedidos de conferir autorização para o exercício da prática analítica, a menos que o interessado esteja vinculado a uma Escola ou instituição psicanalítica que sustente os princípios formativos próprios do campo.

Apesar dessa conquista, o contingente pessoas que já cursavam a "graduação em psicanálise", com expectativa de habilitação para a prática, parece se apresentar não como uma atitude amistosa com a psicanálise, mas uma possível ameaça a ela. Haveria uma captura do discurso psicanalítico pelo discurso capitalista, orientado pela lógica da mercadoria e do lucro? Trata-se de interrogar se essas propostas não configuram também uma forma contemporânea de esvaziamento ou mesmo de aversão à psicanálise, na medida em que deslocam seu eixo da formação ética e da experiência analítica para a promessa de garantia e reconhecimento formal de um saber certificado e adquirido.

Em *A terceira*, Lacan (Lacan & Miller, 1974/2022) pontua que a psicanálise é em si um sintoma, parte constitutiva do mal-estar na civilização descrito por Freud, e acrescentou que a religião triunfará por dar sentido ao sofrimento e à vida humana. Essa demanda e busca pela psicanálise significa que a psicanálise teve êxito? Se a psicanálise tem êxito, ela fracassa.

> Mas se a psicanálise tem êxito, ela se apagará por não ser senão um sintoma esquecido. Ela não deve se espantar com isso, é o destino da verdade da qual ela mesma o coloca no princípio. A verdade é esquecida. Logo, tudo depende de que o real insista. Para isso, é preciso que a psicanálise fracas-

> se. É preciso reconhecer que ela toma essa via e que ela tem, pois, ainda boas chances de permanecer um sintoma, de crescer e de se multiplicar. Psicanalistas não mortos, segue a carta! Mas, de qualquer forma desconfiem. Talvez seja minha mensagem de forma invertida. (Lacan & Miller, 1974/2022, pp. 28-29)

O fracasso da psicanálise correspondente ao triunfo do sintoma, ou seja, se a psicanálise se reduzir a uma prática do sentido, fracassa em responder à demanda própria da redução ou eliminação do sintoma, ao passo que se a psicanálise operar com a dimensão real do sintoma, do modo como cada um de nós goza de seu próprio inconsciente, ocorre o triunfo do sintoma.

Se a formação do psicanalista não se reduz às poltronas universitárias nem se esgota na transmissão de um saber acadêmico, mas se enraíza na experiência da própria análise, então o futuro da psicanálise dependerá menos de diplomas e certificados, e mais da continuidade de sua transmissão ética e pela responsabilidade daqueles que se dispõem a ocupar o lugar de analista. "O discurso que digo analítico é o laço social determinado pela prática de uma análise" (Lacan, 1974/2003, p. 517). O que funda um analista é a travessia singular de sua própria análise, articulada à supervisão, ao estudo permanente e ao compromisso com a ética que orienta a escuta do inconsciente.

Em um mundo que exige respostas imediatas e resultados mensuráveis, a psicanálise insiste no tempo próprio da elaboração, na experiência da palavra e na responsabilidade subjetiva. É no encontro singular entre analista e analisante, sustentado por uma formação que passa, necessariamente, pelo divã, que essa prática se mantém viva.

Referências bibliográficas

Alberti, S., Amendoeira, W., Lannes, E., Lopes, A., & Rocha, E. (Orgs.) (2000). *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação.* Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras.

Fingermann, D. (2016). Ensino e saber. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (33), 261-274.

Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)

Lacan, J. (1998). Variantes do tratamento-padrão. In J. Lacan. *Escritos* (1a ed., pp. 329-361). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)

Lacan, J. (2003). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J., & Miller, J.-A. (2022). *A terceira; teoria de lalíngua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Conferência original apresentada em 1974)

Ministério da Educação. (2025) *Nota técnica nº 6/2025/DIREG/SERES/SERES*. *Febrpsi*. Governo do Brasil. https://febrapsi.org/publicacoes/noticias/nota-tecnica-no-06-2025-mec/

Ministério da Educação. (2026). Portaria nº 3, de 23 de janeiro de 2026. Altera a denominação de cursos de graduação na área de psicanálise. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, Governo do Brasil. https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/01/2026&jornal=515&pagina=33

Recebido: 28/02/2026

Aprovado: 01/08/2026